

Envelhecimento e aparência: a experiência de indianos imigrantes da cidade de São Paulo, Brasil

*Ageing and appearance: the experience of
Indian immigrants in the city of São Paulo, Brazil*

*Envejecimiento y apariencia: la experiencia de
inmigrantes indios de la ciudad de São Paulo, Brasil*

Carolina Barreta Caio
Patrícia Yokomizo
Andrea Lopes

RESUMO: A imigração pode representar mudanças no curso de vida. Investigou-se a construção da aparência ao longo do envelhecimento na percepção de indianos imigrados para o Brasil na juventude. Uso do método etnográfico. Foram entrevistadas oito pessoas de 56 anos e mais de idade. O processo de construção da aparência foi caracterizado pela ruptura de tradições, apropriações e significados do corpo, influenciada pelo contato intercultural e a necessidade de adaptação e engajamento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Aparência; Imigração.

ABSTRACT: *Immigration may cause changes in life course. This research aims to characterize the personal appearance over the aging of Indians who immigrates from India to Brazil during youth. It was oriented in the ethnographic method. Eight immigrants aged 56 and over were interviewed. The process of construction of appearance was characterized by the breakdown of traditions, appropriations, and meanings of the body influenced by the intercultural contact, the necessity of adaptation and social engagement.*

Keywords: *Aging; Appearance; Immigration.*

RESUMEN: *la inmigración puede promover cambios en el curso de vida. Se investigó la construcción de la apariencia a lo largo del envejecimiento de inmigrantes indios que fueron a vivir en Brasil en la juventud. Se utilizó de método etnográfico. Fueron entrevistadas ocho personas de 56 años y más. El proceso de construcción de la apariencia fue caracterizado por el rompimiento con tradiciones, apropiaciones y significados del cuerpo influenciado por el contacto intercultural y la necesidad de adaptación y involucramiento social.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Apariencia; Inmigración.*

Introdução

A capacidade de consumo, a disponibilidade de tempo e outros diversos recursos sociais que idosos podem compartilhar têm se tornado, de forma crescente e cada vez mais legitimada a partir do final do século XX, relevantes para muitas famílias, comunidades e países (Oliveira, & Santos, 2009). Além disso, com o aumento da expectativa de vida (Miranda, Mendes, & Silva, 2016; Santos, Pilatti, Pedroso, Carvalho, & Guimarães, 2018), a velhice tornou-se, assim conhecida, como um dos períodos mais extensos do curso do envelhecimento em diferentes contextos socioculturais. No entanto, investimentos devem envolver preocupações e oportunidades das mais variadas, visando a garantir uma boa e significativa condição de vida aos mais diferentes perfis de idosos.

No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso (2003), a velhice inicia-se aos 60 anos. No entanto, outros critérios de naturezas diversas, convencionados pelos grupos sociais em uma dada época, também colaboram na construção e percepção da velhice. Tratam-se de importantes referências na compreensão dos seus significados, constituição de papéis e espaços sociais para os idosos de diferentes idades (Blessmann, 2004).

Nessa linha, a velhice pode ser entendida como uma etapa do curso da vida construída socialmente (Debert, 2003; 2010). Ao longo do envelhecimento, os aspectos próprios dos cenários socioculturais se correlacionam dinamicamente com variáveis de outras naturezas, como aquelas de ordem biológica e psicológica (Santos, Lopes, & Neri, 2007; Neri, 2008). Uma variável complexa, que reúne, e é fruto desses determinantes multifacetados ao longo da sua composição no curso da vida, é a aparência.

A compreensão da aparência, conforme Crane (2006), está para além das vestimentas e adornos, sendo composta também por crenças, tradições, papéis sociais, comportamentos, atitudes, biótipo, experiências diversas e convenções. Estes são os elementos que, por sua vez, contribuem para a construção da identidade. Nessa direção, para efeitos desta pesquisa, entende-se aparência conforme definido por Yokomizo e Lopes (2019, p. 239): “conjunto de aspectos físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva”.

Na sociedade brasileira, agentes sociais importantes na promoção das representações sobre a aparência são, em geral, as mídias (Castro, 2016; Kuschick, & Machado, 2016) e, em particular, a propaganda (Marcelja, 2012). Tratam-se de fortes e privilegiadas formadoras de opiniões em suas amplas possibilidades de veículos. Nesses meios, a promoção da aparência entre, e voltada a, idosos acaba dialogando e retroalimentando o leque de imagens disponíveis socialmente, utilizadas recorrentemente para classificar essa população (Oliveira, & Santos, 2009).

Debert (2003) analisou as imagens de velhos na propaganda no começo dos anos 2000 e sinalizou que, no Brasil, as imagens e representações da velhice eram organizadas e apresentadas de maneira antagônica, como exclusivamente de dependência, por um lado, ou de poder, por outro. A composição de um leque de possibilidades diversificadas de representações da aparência, envolvendo idosos acabava sendo dicotomizada, não incluindo, possivelmente, a totalidade das experiências de ser velho. Estudos subsequentes e mesmos os mais recentes sobre a dicotomização da apresentação pessoal e coletiva da velhice presentes no imaginário social mostraram, no entanto, que passados quase 15 anos a situação não se modificou muito (Laranjeira, 2010; Plens, Domingues, Batistoni, & Lopes, 2012; Piccoli, Lopes, Araújo, & Graeff, 2012; Silva, Cachioni, & Lopes, 2012; Camarano, 2016; Fin, Portella, & Scortegagna, 2017).

Em seu estudo, Marcelja (2012) destacou que o posicionamento e a promoção vivida em torno do culto à juventude, apareciam também reforçados nas novelas e revistas, especialmente às voltadas para o público feminino (Marcelja, 2012). Nesse sentido, vivia-se em uma sociedade em que, para ser considerado bonito, era preciso ser jovem, sexy, energético, magro e atlético (Slevin, 2010), pois nem todo o tipo de aparência seria valorizada. A beleza jovial tem se tornado algo a ser conquistado e

consumido pelos indivíduos contemporâneos, principalmente nos grandes centros urbanos (Ferreira, & Medeiros, 2011).

Embora a juventude tenha sido cultuada por diferentes sociedades, em distintos tempos (Oliveira, & Santos, 2009), atualmente, percebe-se a mercantilização desta e das características consideradas positivas relacionadas a este momento da vida de forma cada vez mais ampliada a todas as classes sociais. Vê-se, de inúmeras maneiras, o acesso cada vez mais rápido, barato e popular a produtos e serviços que supostamente garantem manter ou retomar a aparência e performance típicas da juventude. Em 2012, observava-se que uma revista brasileira popular, voltada para a temática da saúde, apresentou comunicado oficial da Sociedade Brasileira de Dermatologia que criticava o avanço dos sites de compra coletiva, os quais vendiam indiscriminadamente pacotes chamados de rejuvenescimento. Defendiam que eram realizados podiam ser realizados sem competência, causando diversos transtornos aos consumidores.

O alcance de um padrão de normalidade juvenil (Machado-Borges, 2009), nos termos que o idealizamos, convida não apenas velhos a parecer jovens, mas crianças a parecer mais velhas. A sexualização infantil também vem colaborando na produção de intervenções tecnológicas e indiscriminadas. Essas, buscam alcançar o corpo idealizado, contrário ao fato de que somos heterogêneos em múltiplos aspectos, dado minimamente pela multiplicidade de nossas relações sociais. Nesse caminho, Pontes (2004, p. 255-256) investigou as representações das mulheres brasileiras na mídia portuguesa e apontou:

Esta forma de etnicidade encontra-se bastante relacionada a uma classificação de que tipo de estrangeiros é desejável ou indesejável em Portugal. Tal esquema classificatório reproduz largamente a hierarquização centro/periferia, norte/sul, capital/trabalho, branco/negro relacionada à distribuição do poder político e econômico mundial. Dentro deste esquema, a mulher brasileira imigrante em Portugal ocupa uma posição de pobre não branca, sendo representada segundo um discurso da sensualidade tropical e exótica, no qual as diferenças de gênero, classe e etnicidade são sexualizadas e essencializadas.

Entende-se, assim, que a eleição da percepção de um determinado padrão de beleza como sendo o jovial ou legítimo relacionam-se diretamente às noções e crenças em torno de aspectos como saúde, sucesso, ganhos e pertencimento. Mercadologicamente, são traçadas metas idealizadas, postas no centro de algo entendido como convenção silenciosa e coletiva, aglutinadora de diferenças, marcadora de diferentes possibilidades de bem-estar, que devem ser alcançadas por todas as idades. Nesse contexto, desqualifica-se a heterogeneidade dos indivíduos e seus gostos pessoais, além de perdas, escolhas, oportunidades e dificuldades de acesso por falta de recursos diversos, vivenciadas igualmente por todas as idades. Especialmente, em países dotados de significativa desigualdade, como é ainda o caso do Brasil. Portanto, realidade esta que pode estar muito distante da totalidade e diversidade de uma boa parte de velhos e não velhos (Blessmann, 2004).

Em seu estudo, Twigg (2010) questionou os *designers* da revista feminina Vogue a respeito do papel de idosas neste veículo de comunicação. Eles afirmaram abertamente que não havia interesse algum em idosas, porque não eram *sexy* como as jovens. Jackson e O’Neal (1994), no final do século passado, já apontavam que, mudanças corporais – como o aparecimento de rugas, cabelos brancos e aumento da massa corporal, aspectos aparentes do vivo e dinâmico processo de envelhecimento – eram, para muitas pessoas, na grande maioria das vezes, temidos, negados e escondidos.

A falta de discussão aberta e a construção de uma crítica propositiva em torno do imaginário sobre a aparência de idosos, em diferentes espaços sociais e realizado por diversos agentes sociais, reforçam a negação desse momento da vida. Conteúdos midiáticos diversos alimentam essa lógica porque encontram, certamente, eco e interesse, principalmente por parte dos anunciantes.

Esses desencontros entre realidade e idealização, desejo e possibilidade, sustentam uma equação perversa: pela primeira vez na história do homem, vive-se tanto, porém, ao mesmo tempo, quer-se parecer cada vez mais jovem ou congelado no tempo, utilizando-se diversas tecnologias que garantam uma espécie de juventude eterna. Não se trata aqui de negar a importância do autocuidado, da saúde, da autoestima, da prevenção e de uma aparência saudável, cujo senso de bem-estar se relaciona com a realidade posta. A proposta última é não encapsular essas ações e desejos em torno de uma só modalidade, a saber, parecer artificial e perigosamente mais jovem ou mais velho do que se é propriamente, apenas para atender a um padrão tido como correto e universal. Trata-se de

um contexto quase etnocêntrico, em que uma etnia se considera superior às outras e subjuga, muitas vezes com tipos de violência diversas, o grupo que não se assemelha a ela. Certamente, a história humana já tem muitas atrocidades para contar e combater nesse sentido.

A negação da atual condição pode afetar a qualidade de vida das pessoas. Conforme Twigg (2010), há um impacto negativo em idosos que vivem a cultura do medo de envelhecer. A negação da velhice pode ser resultado de uma sociedade que há muito carrega uma visão negativa da velhice, salvaguardando para a juventude exclusivamente aspectos considerados positivos.

Como dito, a busca e a mercantilização da juventude perdida têm sido ancoradas em métodos não convencionais, muitas vezes combinados sem orientação e de forma excessiva, como cirurgias plásticas, cosméticos, dietas diversas, vitaminas, atividades físicas e inúmeros tratamentos estéticos (Pio, 2009). Trata-se de formas muitas vezes prejudiciais e perversas de convidar as pessoas mais velhas a continuar consumindo uma aparência juvenil e, assim, manter-se engajados socialmente.

Essa modalidade de trato e proposta de uma estética ditatorial da velhice tem mais servido, a todo o custo, para evitar o isolamento por conta do preconceito social, do que propriamente retardar ou frear um processo que, até o momento, é inexorável. Afinal, quem deseje parecer velho frente à compreensão de que este momento da vida é apenas constituído de perdas, decadência e exclusão? Métodos antienvelhecimento passam a ser acionados como passaporte de engajamento social e intergeracional na concepção e desejos coletivos, afetando diretamente muitos idosos que não querem, ou não podem, de alguma maneira, atender ao padrão desejado e eleito como aquele a ser almejado (Slevin, 2010; Marcelja, 2012).

O problema, portanto, se estende, e pode agir em espiral, pelo fato de que quanto mais se nega a velhice, menos se dispõe de espaços e papéis significativos de socialização aos mais velhos. No final, se não existe velhice, por que é preciso organizar-se para atendê-la em sua complexidade e diversidade? Assim, quanto menos oportunidades de engajamento tem-se à disposição, mais se impulsiona a negação. O ciclo pode não ter fim.

Infelizmente, o mesmo não pode ser dito sobre os diversos desafios que os diferentes perfis de idosos têm apresentado. Muitas vezes, veem-se situações de vulnerabilidade social, como a violência contra a pessoa idosa, presente nas revisões de

literatura apresentadas por Santos, Silva, Carvalho, & Menezes (2007) e Sousa, *et al.* (2010). Igualmente, no trato despreparado em torno da sexualidade na velhice. Nessa última frente, vê-se a falta de uso de preservativo e o uso desorientado de estimulantes, no caso dos homens idosos, ocasionando aumento das doenças sexualmente transmissíveis (Camargo, Torres, & Biasus, 2009; Neto, Nakamura, Cortez, & Yamaguchi, 2015). Ainda, o despreparo dos agentes públicos na atenção ao idoso, expressos na pesquisa de Diniz e Saldanha (2008).

Assim, cada grupo constrói acordos culturais compostos por inúmeras especificidades no tempo e no espaço. A cultura é rota e guia de trocas, expectativas, pensamentos, hábitos, punições, crenças e atitudes. Nesse contexto, para Ávila, Guerreiro e Meneses (2007), crenças culturais, como o culto à juventude no Ocidente, tratado até aqui, contribuem para a percepção de qualidade de vida entre idosos. Se discutido que pessoas de diferentes culturas interpretam o envelhecimento e a velhice de maneiras distintas, qual a cultura das aparências que se deseja construir em torno das múltiplas possibilidades de apresentação pessoal e coletiva da velhice?

Na Antiguidade, grupos radicais, como de idosos das ilhas Fiji, se suicidavam, pois acreditavam não ter mais utilidade alguma. Entre os Dinkas, situados no Sudão, os velhos eram enterrados vivos pelo mesmo motivo. Esses rituais ocorriam de acordo com as crenças de cada grupo (Beauvoir, 1990¹ como citada em Oliveira, & Santos, 2009). Esses exemplos de concepção e manejo da velhice não tratam de apontar uma maneira certa ou errada de se encarar o envelhecimento, mas de sinalizar a complexidade do universo simbólico produzido por diferentes grupos humanos, em torno desse período da vida, em diferentes épocas da humanidade. Tais esferas são responsáveis por estruturar tradições e crenças que, por sua vez, acabam por conduzir cursos de vida e formas de produção ou não de bem-estar para seus membros, inclusive em termos da aparência. Nesse contexto, não podemos perder de vista que, pelo fato de as relações sociais serem dinâmicas, as culturas são vivas e não se cristalizam no tempo. Por isso, relativizá-las e repensá-las em termos de compreender se seus acordos contemplam ou não a diversidade de seus membros faz-se necessário, especialmente em termos de gestão do curso da vida.

¹ Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

A cultura ocidental atual, incluindo-se a cultura brasileira, é fortemente guiada pelo sistema capitalista, que incentiva as pessoas a consumir, sendo estas, muitas vezes, respeitadas pelo que possuem materialmente (Oliveira, & Santos, 2009). Melo, Siqueira e Silveira (2017), a partir de estudos sobre arranjos familiares de idosos, apontam que entender as relações de consumo na velhice pode melhorar a oferta e satisfação desse segmento. Infelizmente, na direção oposta, os conceitos de envelhecimento saudável (Cupertino, Rosa, & Ribeiro, 2007) e ativo (Organização Mundial da Saúde, 2005) são, muitas vezes, erroneamente apenas relacionados com produtividade econômica e consumo, seja de produtos, serviços ou estilos de vida (Ribeiro, 2012). Com isso, construir a aparência, pode se tornar um exercício de consumo de algo obrigatório, naturalizado, quase que um dever moral (Slevin, 2010), marcadamente de responsabilidade individual (Debert, 2003).

Autocontrole e poder são simbolizados nos corpos considerados em boa forma (Slevin, 2010) e que apresentam *performance* fora do esperado para as diversas idades. Nesse sentido, Rabinowitz (2008) entende que, na sociedade atual, manter-se ativo, o que se compreende especialmente manter-se inserido no mercado de trabalho ou nas formas esperadas de sucesso na velhice; trata-se de uma forma de combater sentimentos de indiferença, isolamento e rejeição. A sociedade contemporânea é também uma sociedade do efêmero. Imagens e estilos de vida são larga e rapidamente disseminados e consumidos quase sem escolha, resistência, crítica, contestação ou consciência. Os indivíduos tornam-se coautores de discursos e percepções de mundo que têm por característica central a superficialidade (Sant'Anna, 2009), o descartável e o imediatismo.

No entanto, sabe-se que a heterogeneidade da velhice (Blessmann, 2004) solicita que diversas possibilidades envolvendo as múltiplas velhices estejam disponíveis socialmente, dando visibilidade e legitimação das diferentes formas de parecer e apresentar-se como se vive a velhice e suas particularidades. Uma maneira de identificar a heterogeneidade do curso da vida humana e as diversas e contínuas formas de construção da aparência é a investigação de grupos imigrantes e as características que compõem esse processo. Trata-se de refletir como o estranho se relaciona com os padrões e acordos socioculturais, previamente convencionados, desconstruindo o familiar e o normatizado.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo Demográfico de 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019a) o número de imigrantes internacionais foi de 143.644 pessoas. O Censo Demográfico 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019b) registrou no Brasil um total de 431.319 de imigrantes, estando esses mais concentrados nas áreas urbanas, sendo quase metade, 205.505, residindo no Estado de São Paulo. Na atualidade, o aumento dos fluxos migratórios são ponto de pauta internacional e interesse de debate em diferentes frentes, especialmente visando a repensar o processo de envelhecimento e seus desafios.

Assim, a presente pesquisa buscou contribuir para a ampliação e maior entendimento de aspectos socioculturais presentes e relacionados com o processo de envelhecimento, no âmbito da construção da aparência nas relações entre imigrantes e nativos. O objetivo foi caracterizar a construção da aparência ao longo do curso de vida de indianos residentes na cidade de São Paulo, que imigraram ao Brasil na juventude.

Buscou-se reforçar a percepção acerca da heterogeneidade do curso da vida humana, ancorando a reflexão na experiência de culturas imigratórias não proeminentes, como, no caso brasileiro, os indianos. Para estes, a cultura de origem também valoriza, de modo diferenciado, investimentos na aparência diante da constituição das identidades nacionais.

Além disso, através da compreensão e apreciação do outro, cuja caracterização e significados da aparência podem ajudar a descrever, a pesquisa visou a promover conhecimentos que possibilitassem uma convivência pacífica e a tolerância entre pessoas de diferentes culturas, em diferentes idades, com diferentes perfis, ao longo de todo o processo do envelhecimento. Por fim, pretende-se incentivar políticas, espaços e oportunidades sociais que respeitem, legitimem e potencializem a diversidade.

Método

Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, de inspiração etnográfica na coleta, tratamento e análise dos dados. Em linhas gerais, este método antropológico busca selecionar informantes, mapear grupos e seus respectivos universos simbólicos, interpretando significados, mitos, costumes e crenças. O objetivo é descrever densamente esses grupos, tratando de apresentar elementos que compõem a operacionalização de sua dinâmica e lógica de funcionamento (Geertz, 2008).

A pesquisa utilizou três técnicas etnográficas: observação livre, observação participante e entrevista em profundidade. Adotou-se caderno de campo. Por se tratar de um grupo de imigrantes pouco expressivo na cidade de São Paulo, buscou-se identificar informantes preferenciais em instituições indianas da cidade. A partir desse contato, obteve-se a indicação sucessiva e sequencial de novos participantes, configurando o chamado método bola de neve. O ponto de saturação foi alcançado, indicando a finalização das entrevistas (Baldin, & Munhoz, 2011).

O primeiro contato com o campo foi uma visita ao Consulado Geral da Índia, em São Paulo. Em seguida, participou-se do evento chamando Baisakhi, Centro Cultural da Índia, localizado na mesma cidade. A partir dos contatos feitos no evento, foi possível chegar aos informantes preferenciais.

As entrevistas foram ancoradas em dois roteiros semiestruturados. O primeiro serviu para entrevistar os informantes preferenciais, conhecedores do campo e que puderam viabilizar uma familiarização prévia, assim como o contato com os futuros participantes da pesquisa. O instrumento foi organizado em cinco questões abertas, que buscavam explorar os temas: envelhecimento, velhice, aparência, cultura indiana e imigração indiana. Foram elaboradas versões em português e inglês, pois um dos informantes preferenciais não falava português.

Nessa fase de reconhecimento do campo foi possível entrevistar duas pessoas. A primeira trabalhava no Centro Cultural da Índia, vinculado ao Consulado da Índia, em São Paulo. A segunda pessoa era filha de indianos e envolvida com a cultura indiana no Brasil. No entanto, nasceu na África do Sul e imigrou ao Brasil com 20 anos de idade. Ambos tinham acima de 50 anos.

O segundo roteiro, direcionado aos participantes, contou com um leque de 32 questões, organizadas em três blocos: 1) informações socioeconômicas; 2) informações sobre imigração; e 3) percepções sobre envelhecimento e aparência. Foi aplicada uma versão piloto. Buscou-se atender à preferência e à disponibilidade dos envolvidos, concentrando-se nas residências e, apenas uma delas, a seu pedido, em um *shopping* da cidade de São Paulo. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. As informações socioeconômicas foram preenchidas pelos próprios participantes.

Os participantes da pesquisa foram oito imigrantes indianos, com idades entre 56 e 80 anos, sendo quatro homens e quatro mulheres. Imigraram para o Brasil com idades

entre 20 e 30 anos, vivendo durante quase o mesmo tempo no Brasil. Todos eram casados e tinham filhos, com exceção de uma das mulheres, que era viúva e não teve filhos. Somente um indiano era casado com brasileira; os outros eram casados com indianos. A escolaridade variou entre ensino superior incompleto e doutorado. Os homens vieram ao Brasil a trabalho e as mulheres para acompanhar seus maridos.

Os informantes preferenciais, assim como os participantes, assinaram o Termo de Consentimento Informado, versão em português e inglês. Tanto o termo, como o roteiro em inglês, contou com a revisão de duas nativas na língua.

Resultados e Discussão

O processo de imigração caracteriza-se como o movimento de entrada, permanente ou provisório, em outro país. Os imigrantes trazem consigo uma diversidade de tradições, culturas, línguas e um conjunto de experiências advindas do passado e suas culturas de origem (Rabinowitz, 2008).

A Índia é um país localizado no sul asiático. Para os indianos, a identidade e a organização social são fortemente marcadas pela construção da aparência, especialmente em se tratando de vestuário e acessórios. Nessa cultura, algumas mulheres usam alguns inúmeros e diferentes ornamentos, um sinal de riqueza e *status* social. Adornar-se está ligado também aos homens, seguindo a tradição do passado de vestir joias diversas, como colares de pérola, broches, anéis e numerosos braceletes (Carrière, 2009).

Além das questões de gênero, no contexto indiano, fala-se com naturalidade da beleza de mulheres idosas. Segundo Carrière (2009), a beleza chega somente através da idade, sendo merecida e adquirida. O jovem, ao contrário do velho, não é considerado belo, mas *sexy*. Nesse sentido, como se constitui a construção e os predicados da aparência ao longo do envelhecimento de imigrantes indianos, considerando-se que, no Brasil, o culto do corpo juvenil *sexy* e belo, atrelado “aos referenciais de felicidade e sucesso” (Lopes, & Mendonça, 2016, p. 20), ainda largamente prevalece?

O tratamento e a análise dos dados permitiram a identificação de uma ampla e interconectada categoria de análise relacionada com a temática Envelhecimento e Aparência denominada: Imigração, contato intercultural e adaptação. Esse universo de investigação foi organizado em três subcategorias: Significado de aparência, Insegurança e Constrangimento.

Ao relatar a história de construção da sua própria aparência, parte dos entrevistados afirmaram que sempre tiveram uma aparência ocidentalizada no que diz respeito ao vestuário, mesmo quando viviam na Índia. Um deles apontou: “Roupas, eu diria que quase como aqui no Brasil. Uma camisa, uma blusa. E lá (Índia), a gente usa mais *shorts*, porque lá é mais calor”.

A maioria desses tipos de relatos eram de indianos que viveram em cidades grandes, como Mumbai, bastante ocidentalizada. Um dos entrevistados afirmou que usar roupas tradicionais estava mais relacionado com a vida no interior: “Em Mumbai, a maioria não usa (roupas tradicionais indianas). Porque aquelas roupas só se usam ainda hoje mais no interior”.

A globalização foi vista como a principal influência na ocidentalização da aparência nas cidades grandes indianas. A influência de viver nessas cidades vem a permitir que seus moradores tenham um número maior de experiências de intercâmbio com culturas do Ocidente:

“Sim, sempre usava roupa mais ocidental. Roupa indiana, só para eventos, festa, alguma coisa assim, mais formal [...] porque, vamos dizer, nas cidades grandes, com a globalização, viagens e tanta influência ocidental [...] e pra ser prático e por causa do clima [...] todo o mundo tão moderno.”

Assim, foi relatado que modificações, ou mesmo as tradições relacionadas com a aparência ao longo da vida, dependiam da localidade (metrópole ou cidade de interior). A partir da noção de globalização e seus impactos, o vestuário ocidental relacionou-se com o que denominavam modernidade. Crane (2006) aponta que o significado da aparência varia de cultura para cultura, através de experiências diversas, assim como seus valores. As entrevistas mostraram que, ao serem questionados a respeito do que é aparência, os entrevistados a definem em termos de roupas, língua, costume religioso e aspectos físicos e culturais, em geral.

Ainda que alguns entrevistados tenham afirmado que já conviviam com as formas e maneiras ocidentais de se vestir desde quando viviam na Índia, houve também aqueles que relataram a necessidade de adaptação pós-imigração. Principalmente, em termos do vestuário, tendo em vista o contato com a cultura brasileira.

Em termos de aparência, para o grupo entrevistado é de grande relevância destacar que a adaptação não girava somente em torno do vestuário, mas principalmente em termos de cuidados pessoais que deviam compor o trato com a aparência. Apesar do uso anterior de roupas ocidentais, os usos do vestuário ocidental e a apropriação dos corpos, no período pós-imigração relatou-se que esses aspectos eram ressignificados. Como foi relatado pelos entrevistados, a adaptação de fato ocorria por necessidade de reconhecimento e oportunidades de engajamento social, sendo, em alguns casos, não por vontade própria. Um participante apontou: “[...] a maioria mudou, até cabelo, hidratou, cortou [...] e o brasileiro, ele olha pra você. Então você tem que se vestir (bem). Por isso que a gente adaptou, eu acho”.

A atenção excessiva dispensada à aparência por parte dos brasileiros, na perspectiva dos entrevistados, também foi um aspecto destacado. Eles afirmaram que o povo brasileiro, independentemente do sexo e da classe social, comparativamente, era entendido como muito vaidoso. Alegaram que notavam uma preocupação exacerbada com a aparência física e que as pessoas estavam sempre vestidas para chamar a atenção. No caso das mulheres brasileiras, percebiam que havia muitos cuidados com o corpo, conforme relatou uma entrevistada:

“As brasileiras se preocupam muito com os outros. Se preocupam muito com o cabelo, com rosto, com as unhas. Então, é uma pessoa que acho que se preocupa com roupa, com tudo, eu acho. E eu acho que de tudo que é nível, não precisa ser só rica, pobre (também). Todo mundo eu acho que se preocupa muito com o corpo.”

Apesar do tom de crítica impresso nas entrevistas, alguns participantes afirmaram que houve mudanças na aparência após a imigração, entendida como resultado de aprendizado intercultural, tais como: cuidados com a unha, com o cabelo, com a pele e com as roupas, muitas vezes seguindo as tendências de moda existentes no Brasil. Destacou-se inclusive o uso de desodorante a partir da imigração, mesmo considerando que a Índia é um país ainda mais quente que o Brasil.

Há, portanto, uma dualidade entre deixar os hábitos da cultura de origem e a adoção, mesmo que por vezes permeadas de críticas, de novas posturas e escolhas, no que tange aos significados e práticas em torno da aparência, presentes na cultura de destino: *“assim, brasileiro se veste bem, e sempre deixa sua pele bem-tratada. Isso a gente não fazia muito na Índia não, mas agora a gente aprendeu”*.

Os entrevistados afirmaram, em seus relatos, que imigrantes indianos que viviam no Brasil havia muito tempo não mantinham tradições indianas e usavam vestuário tradicional indiano somente em eventos, confirmando uma prática já realizada nas cidades grandes da Índia. Esse fato foi percebido no momento das entrevistas. Durante a coleta de dados, todos os entrevistados estavam vestidos de maneira ocidental. Um deles apontou: *“indianos imigrantes idosos que vieram jovens como eu, e passaram a maior parte do tempo aqui, mantêm muito pouco as tradições indianas. Eles usam roupa indiana num evento indiano, numa festa de ano, ou coisa assim”*.

O forte apelo a uma cultura mais homogênea da aparência no Brasil, especialmente nas grandes cidades, mostra, através das percepções dos imigrantes indianos, a importância e a presença desta lógica unificadora na vida dos brasileiros. No entanto, no caso dos imigrantes entrevistados, percebeu-se que não havia um total rompimento com a aparência indiana e seus sentidos ao longo da vida. Essa observação foi reforçada por ocasião da visita à maioria nas casas onde foram realizadas as entrevistas. As residências eram sempre adornadas com uma decoração típica indiana, com enfeites, quadros e altares indianos, marcando o vínculo com a cultura de origem, mesmo depois de muitos anos de imigração, do contato intercultural e das iniciativas e estratégias de adaptação.

É possível que, para alguns imigrantes, os investimentos em termos de adaptação social fossem marcados e primeiramente impressos na aparência, no corpo que transitava e se relacionava com a comunidade receptora. No entanto, era na esfera privada que os hábitos e costumes permaneciam quase inalterados. O uso de roupas tradicionais apenas nos eventos indianos reforçou essa compreensão da relação imigração-contato-adaptação e público-privado. A aparência organizava-se de forma a mediar a sobrevivência física e simbólica na nova cultura, colaborando para a não desconstrução plena das raízes de suas identidades, ao preservar um locus de expressão e identidade da cultura de origem.

Assim, mesmo optando e percebendo ganhos, frutos do contato intercultural, as adaptações muitas vezes não eram desejadas, mas impostas. A roupa ocidental, por exemplo, era muito distinta da tradicional indiana, principalmente para mulheres. A roupa tradicional indiana feminina, conhecida como sári, trata-se de um drapeado usado juntamente com um pequeno bolero. Debaixo do tecido que busca cobrir o corpo feminino, inclusive pernas, o umbigo é mostrado com naturalidade, isso porque o tecido não cobre o tronco todo e o bolero é curto (Carrière, 2009). No relato abaixo, a entrevistada afirmou os diferentes significados atribuídos ao corpo, ao considerar mais expositivo vestir calças, pois expunha as pernas ao marcá-las, do que propriamente mostrar o umbigo. Ela apontou que foi preciso se adaptar ao vestuário brasileiro:

“[...] eu não tinha vontade de usar calça, porque é expor muito a perna. Então, nunca queria porque nossa roupa (indiana tradicional), ela esconde muito. Mas parei de usar (quando imigrou) e comecei a usar calça e batas longas pra cobrir [...] Então, aquela roupa (tradicional indiana), tudo deixei e comecei a usar calça comprida.

O tema da insegurança também estava presente nas falas dos entrevistados em termos da adaptação necessária e, em alguns casos, esteve relacionada com a telenovela Caminho das Índias, transmitida pela Rede Globo e ganhadora do prêmio Emmy 2009, destinado a programas televisivos. A telenovela mostrava famílias indianas muito ricas e detentoras de muitas joias. Estereótipos que, muitas vezes, acabam por tornar o estranho exótico (Poletto, & Galindo, 2012), vulnerável a sorte de todo o tipo de fantasia. Os relatos a respeito de insegurança em se apresentar com a aparência tradicional indiana foram percebidos quando os entrevistados trataram da referida telenovela. Um deles desabafou:

“[...] mas de resto assim, nem nessa rua sabem que sou indiana (onde mora), por causa do medo. Assim, naquela época (da novela), eles estavam mostrando muitas joias, tudo. Aí eu não queria nem falar que eu era indiana. Eu fiquei com medo.”

Um dado interessante que foi relatado por alguns entrevistados é o de que em outras metrópoles, como Nova Iorque e Londres, imigrantes indianos costumavam vestir-se com roupas indianas. Então, era comum caminhar na rua e ver uma mulher vestindo sári ou um homem usando turbante. Tal fato reforça novamente a tendência uniformizadora da cultura brasileira em termos de construção da aparência, como também a ausência de ameaça naquelas cidades à integridade física, por conta da diferença em termos da expressão étnica dos corpos: *“Aqui (Brasil) é mais perigoso. Aqui tem mais assalto, essas coisas, mas lá (Nova Iorque e Londres) não. Lá [...] as mulheres assim, usam roupa tradicional no dia a dia”*.

A mesma entrevistada reforçou a presença de um sentimento de insegurança ao utilizar vestuário tradicional na cidade de São Paulo, especialmente por achar que as pessoas tinham o costume de associar imigrantes a uma boa situação financeira no Brasil: *“porque as pessoas acham que estrangeiro tem muito dinheiro, tem muitas joias. Então, eles veem na televisão e pensam que estrangeiros sempre têm dólares. Porque a roupa chama a atenção”*.

A insegurança gerava uma necessidade no que se diz respeito à ruptura da vestimenta tradicional. Igualmente, no modo de se comportar como indiano perante os desconhecidos.

Além das mudanças motivadas pela insegurança, o constrangimento também foi identificado como um aspecto que influenciou nos rumos da construção de aparência pós-imigração. Um entrevistado, cuja primeira residência no Brasil foi uma cidade do interior de São Paulo, descreveu uma situação em que a esposa foi vítima de constrangimento:

“A minha mulher, quando a gente chegou em São José (cidade do interior de São Paulo), ela usava roupa (tradicional indiana) por um bom tempo. Dois anos ela usou roupa tradicional. (Mas) saía na rua eles (brasileiros) falavam: “Poxa, Carnaval chegou mais cedo, né?”

A própria mulher do entrevistado, a qual foi a vítima dessa situação, diz que mudou sua forma de se vestir, por não se sentir bem, e para não mais ser motivo de piadas. No entanto, ela não identificava os olhares e as piadas como ofensas: *“é, porque olhava muito, olhava muito [...] e se vai fazer mais uma piada alguma coisa eu também não ia gostar. Então, eu parei de usar. Mas ninguém chegou a ofender”*.

Com isso, notou-se que o constrangimento de se sentir diferente, atraindo olhares tão curiosos e comentários desagradáveis, era outro motivo que podia fazer com que os imigrantes passassem a se desvencilhar da aparência tradicional indiana e adaptar-se ao modo local.

Em síntese, percebeu-se que a imigração se tornou um aspecto significativo na vida dos entrevistados, na medida em que conviviam com a cultura brasileira. Apesar das diferenças e semelhanças, o contato intercultural provocou mudanças importantes no curso da vida desse grupo de imigrantes, especialmente no que aqui interessa: a construção da aparência. Para Aggoun (2002), as diferenças podem constituir-se e organizar-se de várias maneiras, dependendo da natureza e qualidade do contato realizado, gerando inúmeras formas de adaptação.

Os dados obtidos apontaram que foi na década de 1970 que um grande grupo de indianos imigrou ao Brasil, incluindo os participantes desta pesquisa. Esses imigrantes passaram mais tempo de suas vidas no Brasil, em comparação com o tempo que viveram na Índia, buscando interagir e adaptar-se à cultura brasileira. Mesmo alguns entrevistados, afirmando que o impacto da globalização tinha influenciado indianos no que se diz respeito ao vestuário, à construção da aparência, à atenção ao corpo e à apresentação pessoal ao longo da vida destas pessoas; no pós-imigração eram caracterizadas pela ruptura de costumes e significados vividos e trazidos da Índia. A motivação era muitas vezes imposta pela imigração, pelo contato com a cultura local e a necessidade de adaptação, visando ao engajamento social.

Os imigrantes indianos não mantinham a aparência tradicional do país de origem também por razões de insegurança e constrangimento. Afirmaram que se vestiam conforme a tradição indiana somente em dias de eventos e festas.

O levantamento bibliográfico apontou, para fins de comparação, que havia pesquisas internacionais sobre indianos imigrantes em países como Canadá e Estados Unidos, porém não necessariamente com idosos ou sobre a aparência. No geral, as poucas pesquisas brasileiras encontradas sobre imigrantes idosos não focavam os indianos, mas sim imigrantes de outras nacionalidades, como russos e espanhóis. Portanto, percebeu-se uma escassez de estudos relacionando envelhecimento, aparência e imigração.

Assim como no Canadá e nos Estados Unidos, o perfil dos entrevistados indianos imigrantes no Brasil era de pessoas altamente qualificadas, ou seja, profissionais formados e aptos ao mercado de trabalho local (Li, & Lo, 2012). Essa realidade é muito

diferente da realidade vivenciada por imigrantes espanhóis, no final dos anos 50, no Brasil. No caso desse grupo, eram pessoas que vieram com poucos recursos para trabalhar como mão de obra barata (Bernal, 2012).

Na pesquisa com mulheres Kabyles, grupo étnico proveniente do norte da Argélia e imigrantes na França, mostrou-se a dificuldade por parte destas pessoas em dominar os códigos culturais franceses. Segundo o autor, esse domínio facilitaria o engajamento social (Aggoun, 2002). O mesmo não foi observado entre os imigrantes indianos entrevistados, pois notou-se a adaptação quanto às normas de construção da aparência, por exemplo, mesmo que não necessariamente com facilidade e desejo, especialmente no que tange ao vestuário. A adaptação também era marcante quanto à língua e até mesmo através da obtenção de trabalho formal, o que possivelmente tinha facilitado a integração.

No estudo de Bernal (2012) com espanhóis imigrantes no Brasil, uma imigrante espanhola idosa afirmou nunca ter sido discriminada desde que havia imigrado, mesmo quando não dominava o idioma. No caso dos indianos entrevistados, apesar de sofrerem com o impacto do que identificavam como vaidade, eles afirmaram não enfrentar problemas de discriminação, como acontece, segundo eles, com indianos imigrantes em Nova Iorque e Londres. Nesse sentido, percebeu-se que a discriminação, exclusão e sentimento de ameaça vivenciados pelos imigrantes indianos entrevistados através da ruptura com certos valores de sua cultura de origem e com o ajuste a padrões brasileiros, especialmente relacionados à aparência, visando ao envolvimento social, segurança e respeito.

Em sua pesquisa sobre indianos imigrantes nos Estados Unidos, Gupta (1997) investigou o significado de ser indiana para mulheres que se consideravam indianas, pois tinham pais indianos, mas que nasceram nos Estados Unidos. Uma das entrevistadas relatou que, quando criança, outros estudantes esperavam a ela e a seus irmãos para bater neles após as aulas. Ela afirmou que sentia preconceito vindo de todos os lugares (Gupta, 1997). O estudo reforça o sentimento e a condição de insegurança vivida por grande parte dos imigrantes, alcançando cenários de xenofobia.

No estudo entre os imigrantes brasileiros, apesar de identificar a presença da insegurança, suas características originais eram mais associadas ao exotismo ou idealização do *status* privilegiado desse tipo de estrangeiro. Tal fato gerava insegurança mais em termos da adequação de suas aparências, especialmente pelo interesse alheio em

sua suposta riqueza material, do que propriamente a questões referentes à raça, xenofobia e consequentes atos de violência.

Estudo com imigrantes russas mostrou que, quando questionadas sobre a adaptação no Brasil, uma das idosas afirmou que estranhava muito no início, além da língua, que era muito diferente. Na questão de aparência, afirmaram que os homens brasileiros eram todos baixos, de bigode, ao contrário dos russos que eram altos. Além disso, afirmaram que o povo brasileiro era bom e muito hospitaleiro (Rabinowitz, 2008).

Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, o artigo 2º afirma que, em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, é essencial assegurar uma interação harmoniosa entre as pessoas com pluralismo, diversidade e dinâmica cultural de identidades, bem como sua boa vontade em conviver (Varenes, 2003). Portanto, a aparência aponta ser uma forte variável a ser mensurada no que se refere à qualidade de vida e bem-estar ao longo do curso da vida, especialmente entre imigrantes. No entanto, ela não se apresenta no imaginário popular e científico dessa maneira, sendo percebida, muitas vezes, como um aspecto supérfluo e fútil do cotidiano, dificultando a maneira de avaliá-la e legitimá-la. Isso se acentua ainda mais com o impacto da imigração e os resultados do contato intercultural, especialmente porque se entende que a construção da aparência ao longo da vida é influenciada diretamente pelo contexto sociocultural em quem o indivíduo está inserido.

Considerações finais

A presente pesquisa exploratória buscou levantar pistas, visando à melhor compreensão do papel da imigração e do contato com uma nova cultura na construção da aparência ao longo do envelhecimento dos participantes. A oportunidade nos leva a questionar o modo de vida a que, muitas vezes, o imigrante é levado a operacionalizar visando ao pertencimento, segurança e engajamento social. Os resultados apontaram que a construção da aparência de imigrantes indianos idosos no Brasil era caracterizada pela ruptura de costumes e apropriações, usos e significados do corpo e da apresentação pessoal, influenciada pela imigração, pelo contato com a cultura brasileira e a necessidade, muitas vezes, de adaptação.

Estudos sobre imigração e efeitos no envelhecimento precisam ser cada vez mais realizados. Trata-se de duas características da atualidade que estão alterando a

composição e características da população mundial. Com o aumento gradual do número de idosos e seu *status* social, bem como o aumento do fluxo imigratório, a compreensão da variável aparência apresenta-se forte aliada no que tange ao alcance da dimensão desses contextos, buscando melhorar a gestão das relações interculturais e a produção de bem-estar entre os diferentes. Isso porque envelhecer e imigrar são aspectos da vida que alteram a compreensão de aparência, organizando pistas preciosas de promoção da atenção: o primeiro, devido a mudanças de ordem biopsicossocial e, o segundo, devido a necessidade de adaptação, visando o engajamento social. Por isso, sugere-se mais sensibilidade para os aspectos provenientes da variável aparência, considerando-a relevante para a compreensão desta e outras temáticas gerontológicas.

Varenes (2003) afirma que um dos mais visíveis e significantes aspectos da globalização é o aumento de migrações, ou seja, pessoas se mudando para outras regiões do próprio país, e até mesmo para fora, à procura de melhores oportunidades e estilos de vida. Assim, é importante a criação de políticas nacionais e internacionais que visem à proteção e à inclusão dessas populações, promovendo a qualidade de vida e a preservação das escolhas pessoais e étnicas. Iniciativas como a da Segunda Conferência sobre Envelhecimento, realizada em Madrid em 2002, que resultou no Plano de Madrid, sugeriu parcerias internacionais que salvaguardassem os princípios básicos de engajamento dos idosos na sociedade e a criação de um entorno favorável ao envelhecimento (Viude, 2009). O plano, ao tratar de migrações, também abrangeu os imigrantes idosos que envelhecem em uma sociedade diferente da qual nasceram. Contudo, o presente estudo sugere que, dez anos depois, no Brasil, ainda pouco foi realizado nessa direção.

O Brasil, país que se considera e ostenta no cenário internacional o entendimento de um país miscigenado, apresenta dificuldades no trato e atenção especialmente simbólica da população imigrante, como os indianos alvos desta pesquisa. Para estes, a promoção da livre apresentação pessoal e da aparência étnica tradicional não existia sem ser acompanhada por um sentimento de insegurança e constrangimento, gerando uma forte necessidade de adaptação para se sentir engajado. Esse cenário acabou impulsionando um conjunto de experiências, crise de identidade e estados negativos, que podem acompanhar certos imigrantes por grande parte do curso de suas vidas em nosso país.

Referências

Aggoun, A. (2002). Envelhecimento e imigração: o caso das mulheres Kabyles na França. Porto Alegre. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 4, 21-41. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/4717-15095-1-PB.pdf>.

Ávila, A., Guerra, M., & Meneses, M. (2007). Se o velho é outro, quem sou eu? A construção da autoimagem na velhice. *Pensamento Psicológico*, 3(8), 7-18. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://www.redalyc.org/pdf/801/80130802.pdf>.

Baldin, N., & Munhoz, E.M.B. (2011). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: *X Congresso Nacional de Educação - Educere*. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Blessmann, E. (2004). Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. *Revista Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, 6, 21-39. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/4737-15159-1-PB.pdf>.

Bernal, M., González, A., Valencia, S. Pinzón, S., Moreno, C., Sagués, A., & Kalache, A. (2011). Envelhecendo na América Latina: narrativas e histórias de migrantes andaluzes. In: Trench, B., & Rosa, E. C. (Orgs.). *Nós e os outros: Envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisas*, 243-266. São Paulo, SP: Instituto de Saúde.

Bordignon, G. (2011). Plano de Educação Nacional: O Planejamento Educacional no Brasil. Fórum Nacional de Educação. Recuperado em 5 setembro, 2019, de: http://fne.mec.gov.br/images/pdf/planejamento_educacional_brasil.pdf.

Camarano, A. A. (2016). Living longer: Are we getting older or younger for longer? *Vibrant*, 13(1), 155-175. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p155>.

Camargo, B. V., Lucena, T. T., & Biasus, F. (2009). Práticas sexuais, conhecimento sobre HIV/AIDS e atitudes a respeito da relação amorosa e prevenção entre adultos com mais de 50 anos do sul do Brasil. *Liberabit*, 15(2), 171-180. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272009000200011.

Castro, G. G. S. (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galaxia*, 31, 79-91. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120675>.

Carrière, J. (2009). *Índia: crenças, costumes e a sabedoria de uma das civilizações mais antigas do mundo*. São Paulo, SP: Editora Ediouro.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo, SP: Editora SENAC.

Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de Envelhecimento Saudável na Perspectiva de Indivíduos Idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 81-86. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000100011>.

- Debert, G. (2003). O velho na propaganda. *Cadernos Pagu*, 21, 133-155. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a07.pdf>.
- Debert, G. (2010). A dissolução a vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000200003>.
- Diniz, R. F., & Saldanha, A. A. W. (2008). Aids e velhice: crenças e atitudes de agentes comunitários de saúde. *Temas Psicológicos*, 16(2), 187-198. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v16n2/v16n2a04.pdf>.
- Estatuto do Idoso. *Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003*. Brasília (DF): Senado Federal, 2003.
- Ferreira, N., & Medeiros, S. (2011). A relação entre o envelhecer e a demanda pela beleza jovial: dificultando a velhice. *Revista Portal de Divulgação*, 6, 15-20. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/97>.
- Fin, T. C., Portella, M. R., & Scortegagna, S. A. (2017). Velhice e beleza corporal das idosas: conversa entre mulheres. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(1), 77-87. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.150096>.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. (13ª reimpressão). Rio de Janeiro, RJ: Editora LTC.
- Gupta, M. (1997). What is Indian about you? A Gendered, Transnational Approach to Ethnicity. *Gender and Society*, 11(5), 572-596. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://psycnet.apa.org/record/1997-43787-002>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019a). *Censo Demográfico: Resultados Gerais da Amostra 2000*. Recuperado em 3 agosto, 2019, de: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019b). *Censo 2010: migração*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE. Recuperado em 03 agosto, 2019, de: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/24007?detalhes=true>.
- Jackson H., & O'Neal, G. (1994). Dress and appearance responses to perceptions of aging. *Clothing and Textile Research Journal*, 12(4), 8-15. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0887302X9401200402>.
- Kuschick, C. L. B. R., & Machado, F. V. K. (2016). Compre, leia, siga e rejuvenesça! Sobre os sentidos movimentados e construídos por Veja acerca da velhice ao longo de sua história (1968-2014). *Galaxia*, 32, 138-150. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n32/1982-2553-galaxia-32-00138.pdf>.
- Laranjeira, C. A. (2010). “Velhos são os Trapos”: do positivismo clássico à nova era. *Saúde e Sociedade*, 19(4), 763-770. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sa-usoc/v19n4/04.pdf.

Li, W., & Lo, L. (2012). New geographies of migration?: A Canada-U.S. Comparison of Highly Skilled Chinese and Indian Migration. Project Muse. *Journal of Asian American Studies*, 15(1), 1-34. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: DOI: 10.1353/jaas.2012.0005.

Lopes, A. F., & Mendonça, E. S. (2016). Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. *Revista Subjetividades*, 16(2), 20-33. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>.

Machado-Borges, T. (2009). Um olhar antropológico sobre a mídia, cirurgia íntima e normalidade. *Avá: Revista de Antropologia*, 19, 258-286.

Marcelja, K. (2012). *A beleza como passe intergeracional*. São Paulo, SP: Dissertação de mestrado em Gerontologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

Melo, N. C. V., Teixeira, K. M. D., & Silveira, M. B. (2017). Consumo e perfil social e demográfico dos diferentes arranjos domiciliares de idosos no Brasil: análises a partir dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 20(5), 607-617. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562017020.170047>.

Miranda, G. M. D., Mendes, A. C. G., & Silva, A. L. A. (2016). O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(3), 507-519. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>.

Neri, A. L. (2008). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas, SP: Alínea.

Neto, J. D., Nakamura, A. S., Cortez, L. E. R., & Yamaguchi, M. U. (2015). Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(12), 3853-3864. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152012.17602014>.

Oliveira, S., & Santos, G. (2009). Construção sócio-histórica e midiática da velhice. Passo Fundo, RS: *RBCEH*, 6(3), 422-428. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/169>.

Organização Mundial da Saúde (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde.

Pio, C. (2009). Da beleza do corpo à beleza da alma. São Paulo, SP: *A Terceira Idade*, SESC-SP, 20(44), 33-46.

Picolli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C., & Graeff, B. (2012). Idosos “roqueiros” e a juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 291-312. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17308>.

Plens, J., Accioly, M., Batistoni, S., & Lopes, A. (2012). Envelhecimento, engajamento e aparência: percepções de idosas participantes de um núcleo de convivência de idosos. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 13, Temático “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”), 269-289. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/17307/30497>.

Poletto, C., & Galindo D. (2012). “Passagem para a Índia”: Fotografias que acenam e circulam indianidades no Brasil. *In: Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual*, Goiânia, GO, UFG, FAV, 929-944.

Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23, 229-256. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a08.pdf>.

Rabinowitz, D. (2008). *Um olhar sobre a vida de imigrantes russos idosos*. Dissertação de mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2(N.º temático: Envelhecimento demográfico), 33-52. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10580.pdf>.

Sant’Anna, M. (2009). *Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo*. (2ª edição revisada e atualizada). São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores.

Santos, G. A., Lopes, A., & Neri, A. L. (2007). Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. *In: Neri, A. L. (Org.). Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições SESCSP, 65-80.

Santos, A. C. P. O., Silva, A. C., Carvalho, S. L., & Menezes, M. R. (2007). A construção da violência contra idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 10(1), 115-127. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/127.pdf.

Santos, C. B., Pilatti, L. A., Pedroso, B., Carvalho, D. R., & Guimarães, A.M. (2018). Previsão do Índice de Desenvolvimento Humano e da expectativa de vida nos países da América Latina por meio de técnicas de mineração de dados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3745-3756. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/previsao-do-indice-de-desenvolvimento-humano-e-da-expectativa-de-vida-nos-paises-da-america-latina-por-meio-de-tecnicas-de-mineracao-de-dados/15947?id=15947>.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UNATI EACH/USP. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N.º Especial 14, Temático “Universidade Aberta à Terceira Idade e Velhice), 235-257. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15251/11377>.

Slevin, K. (2010). “If I had lots of money... I’d have a body makeover”: managing the aging body. *Social Forces*, 88(3), 1003-1020. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://doi.org/10.1353/sof.0.0302>.

Sousa, D. J., White, H. J., Soares, L.M., Nicolosi, G. T., Cintra, F. A., & D’Elboux, M. J. (2010). Maus-tratos contra idosos: atualização dos estudos brasileiros. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(2), 321-328. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000200016>.

Twigg, J. (2010). How does Vogue negotiate age?: Fashion, the Body and the Older Woman. *Fashion Theory: The Journal of Dress, Body & Culture*, 14(4), 471-490. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://doi.org/10.2752/175174110X12792058833898>.

Varenes, F. (2003). *Strangers in Foreign Lands: Diversity, Vulnerability and the Rights of Migrants*. United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO).

Viude, A. (2009). Envelhecimento, cultura e sociedade. São Paulo, SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 12(N.º Especial 4, Temático “Graduação em Gerontologia: desafios e perspectivas”), 59-70. Recuperado em 01 dezembro, 2018, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2528/1612>.

Yokomizo, P., & Lopes, A. (2019). Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, 12(16), 228-244. Recuperado em 01 novembro, 2018, de: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>.

Carolina Barreta Caio – Graduação em Gerontologia e colaboradora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Relações Internacionais, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil.
E-mail: carolinacaio@hotmail.com

Patrícia Yokomizo – Graduação em Têxtil e Moda. Mestre em Gerontologia, fundadora e membro do grupo EAPS, todos da EACH/USP, Brasil.
E-mail: pati@usp.br

Andrea Lopes – Antropóloga, docente da Pós-Graduação em Gerontologia e das Graduações em Gerontologia e Têxtil e Moda. Fundadora e coordenadora do grupo EAPS. Todos da EACH/USP, Brasil. Orientadora da pesquisa.
E-mail: andrealopes@usp.br